ODEERE
ISSN 2525-4715
Vol 10, Nº 1, 2025, 76-95
DOI: 10.22481/odeere.v10i1.17184
Dossiê | Dossier

A componente curricular História da Educação do Negro/a na UNILAB: do Concurso Negro e Educação à uma proposição educacional

Ivan Costa Lima[1]*
[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Brasil
*Autor de correspondência: ivanlima@unilab.edu.br

PALAVRAS-CHAVE:
Concurso Negro Educação;
História da Educação;
Movimento Negro;
Pedagogias.
Unilab;

RESUMO

O artigo objetiva articular a trajetória acadêmica e social do autor com a experiência vivenciada no concurso Negro e Educação, levando-se a apresentação dos conteúdos da componente curricular "História da educação do negro/a no Brasil: as pedagogias do Movimento Negro" junto ao curso de Pedagogia e do bacharelado de Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab/CE. Utiliza-se de uma abordagem biográfica e bibliográfica que orienta a docência na Unilab e a dimensão afrocentrada do curso de Pedagogia. Considera-se que esta reflexão possa contribuir para o conhecimento de novas epistemologias e saberes produzidos e sistematizados pelo Movimento Negro, que repensa a educação como contribuição na descolonização do pensamento social brasileiro.

KEYWORDS:
Black Education Contest
Unilab
History of Education
Black Movement
Pedagogies

ABSTRACT

The article aims to articulate the author's academic and social trajectory with the experience lived in the Black and Education contest, leading to the presentation of the contents of the curricular component "History of black education in Brazil: the pedagogies of the Black Movement" with the Pedagogy course and the Bachelor of Humanities at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab/CE. It uses a biographical and bibliographic approach that guides teaching at Unilab and the Afrocentric dimension of the Pedagogy course. It is considered that this reflection can contribute to the knowledge of new epistemologies and knowledge produced and systematized by the Black Movement that rethinks education as a contribution to the decolonization of Brazilian social thought.

PALABRAS-CLAVE:
Concurso de Educación Negra
Unilab
Historia de la Educación
Movimiento Negro
Pedagogías

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo articular la trayectoria académica y social de la autora con la experiencia vivida en el concurso Negro y Educación, llevando a la presentación de los contenidos del componente curricular "Historia de la educación negra en Brasil: las pedagogías del Movimiento Negro" con el curso de Pedagogía y la Licenciatura en Humanidades de la Universidad de Integración Internacional de la Lusofonía Afrobrasileña – Unilab/CE. Utiliza un enfoque biográfico y bibliográfico que orienta la enseñanza en la Unilab y la dimensión afrocéntrica del curso de Pedagogía. Se considera que esta reflexión puede contribuir al conocimiento de nuevas epistemologías y saberes producidos y sistematizados por el Movimiento Negro que replantea la educación como contribución a la descolonización del pensamiento social brasileño.

SUBMETIDO: 12 de julho de 2025 | **ACEITO:** 15 de julho de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Introdução

O artigo pretende, de forma panorâmica, contextualizar as contribuições trazidas em nossa trajetória acadêmica e social, a partir da participação no concurso "Negro e Educação", e como esse processo influenciou na construção de uma proposição curricular dentro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, Ceará.

Desta forma, pretende-se problematizar, brevemente, a existência de uma lacuna na educação brasileira de estudos que contribuam para temas em torno da história de base africana e da população negra no Brasil, como apregoa a legislação nacional[1].

Esse desconhecimento de forma sistematizada da história africana e na diáspora começa a ser questionado, evocando-se a construção de uma historiografia antirracista, construindo-se estudos e reflexões que reforçam como as organizações negras constituíram proposições e se tornaram um movimento educador, conforme enfatizado por Gomes (2017).

Com isso, apresenta-se o debate epistemológico que está sendo sistematizado, a partir dos conhecimentos produzidos dentro da proposição da componente curricular "História da Educação do Negro/a: as pedagogias propostas pelo Movimento Negro no Brasil", junto ao currículo do curso de Pedagogia e ofertado ao bacharelado de Humanidades (BHU)[2] da UNILAB, como possibilidade de ampliar o olhar sobre a intervenção do Movimento Negro na educação.

Para este trabalho, utiliza-se de uma abordagem bibliográfica que "[...] além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto" (Gil, 1994, p. 15), assim, permitir a reflexão crítica do conhecimento produzido. Por outro lado, articula-se com a pesquisa de base biográfica, como defende Schutze (2013, p. 213), trata-se de uma

[1] Em especial a lei 10639/03 que obriga que os sistemas de ensino público e privado tenham em seus currículos história e cultura africana e afro-brasileira.
[2] O bacharelado se caracteriza como o curso de entrada para aqueles/as estudantes que desejam seguir os cursos das áreas das Ciências Humanas existentes na Unilab.

abordagem onde a "[...] narrativa autobiográfica produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia[...]".

Assim, apresenta-se o trajeto do autor, e como esse processo leva aos conteúdos que estão sendo propostos na componente curricular apresentada; problematizando a crítica da ausência de estudos em torno da existência de pedagogias elaboradas pelo Movimento Negro, de forma a balizar caminhos para uma formação inicial numa perspectiva antirracista e afrocentrada, como se verá a seguir.

Desta forma, a partir da dimensão metodológica apontada, apresenta-se uma breve introdução do processo de vida, que leva à formação para a docência universitária, considerando que essa formação está voltada aos estudos da cultura e da história da população negra no Brasil, bem como da experiência militante no Movimento Negro no Brasil.

Trajeto biográfico: elementos formativos na luta antirracista

Para este artigo realizamos, de forma breve, um pouco dos acúmulos ao longo da vida, com elementos que contribuíram para tornar-me ativista do Movimento Negro brasileiro, que foram mais bem apresentados na tese de doutorado (LIMA, 2009). Ao mesmo tempo, em que essa trajetória sedimentou para uma reflexão acadêmica e na docência universitária na introdução de conteúdos oriundos da história africana e afro-brasileira na educação.

Incialmente, foi no interior do espaço familiar que o processo de elaboração de uma identidade negra foi se forjando - naquele momento, com certeza, sem ainda uma reflexão crítica, que nos dias de hoje, está mais bem consolidada, fruto das discussões empreendidas pelos anos de militância, participação e estudos sobre o universo histórico, social e cultural do mundo negro.

Sou nascido no município de São Francisco do Sul, no estado de Santa Catarina, cuja imagem tem sido divulgada como modelo por conta da imigração europeia. Condição que tem sido questionada, ao longo dos anos, pelas inúmeras instituições negras espalhadas pelas diferentes regiões, reafirmando-se a presença negra também como construtora do estado.

Meu núcleo familiar foi constituído por minha mãe catarinense nascida em Itajaí, Maria do Carmo Costa de Lima (*in memoriam*), e meu pai nordestino, nascido em Alagoas, Wandeval Francisco de Lima (*in memoriam*), que encontrou na vida militar um espaço possível para o enfrentamento da pobreza. Seu entrelaçamento se deu em São Francisco, onde a família se consolidou com o nascimento de cinco filhos, do qual sou o terceiro, o único a ter formação universitária com doutorado.

Do ponto de vista educacional, estudei durante quase toda minha vida em escolas públicas, nos lugares em que morávamos pelas andanças da vida militar, e talvez a única exceção tenha sido o colégio de freiras em Mato Grosso, na cidade de Ladário, costeira ao rio Paraguai.

O ensino médio fora também na escola pública estadual. Iniciei no Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis durante o primeiro ano. Ao iniciar o segundo ano, vou morar em outra cidade do sul, Paranaguá, no estado do Paraná, onde completei este ciclo. Naquele momento você tinha dois caminhos a percorrer: o ensino profissionalizante, limitado às opções oferecidas pelo colégio, voltados para as "demandas locais" do mercado de trabalho; ou seguir no propedêutico. Segui o caminho profissionalizante, estudando Crédito e Finanças, ao mesmo tempo em que iniciava um esforço solitário de preparação para o vestibular, caminho único para acesso ao ensino superior.

Assim, realizei o certame para o curso de Arquitetura e Urbanismo, que pensei ser compatível com minhas certezas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou aprovado em segunda chamada, iniciando meus estudos no segundo semestre de 1982. Na universidade foi bastante significativo o impacto da pouca presença negra no campus universitário e, em igual medida, dentro do curso de Arquitetura, há muito considerado um curso de elite.

A partir desse reconhecimento interno, pude construir novas relações, dentro e fora da academia, que me fizeram conhecer outros negros/as, de diferentes cursos, que se acostumaram a se encontrar no restaurante universitário. Dessas reuniões iniciais, se tem o embrião de se pensar a pouca presença da população negra nos espaços universitários em Santa Catarina, e a necessidade de tematizar essa discussão a partir de algum movimento mais coletivo.

Assim, em 1982, década que se registra como um forte ressurgimento dos movimentos sociais no Brasil, eu e os demais companheiros/as que participaram

dessas reflexões fundamos o Grupo de União e Consciência Negra de Florianópolis (Grucon), núcleo universidade. Ele se constituiu na esteira de outros núcleos que espalharam pelo Brasil, a partir de uma vinculação com a Igreja Católica. Período que esta instituição a partir de sua orientação "pela opção pelos pobres" abre espaço para o debate da questão racial, como denominado a época. O grupo atuará até 1985, quando, por questões internas, e de críticas a direção nacional, ele se desfaz.

Concluo minha graduação, em 1987, exercendo a profissão de arquiteto de forma autônoma, contudo, o cerne militante continuava atuante, pois, no ano anterior, estimulado pelos amigos do extinto União e Consciência Negra, conheço novas pessoas e sou levado a retomar a discussão das relações raciais em Santa Catarina. Num primeiro momento, foi a partir de reuniões sociais e informais para esse fim na casa de vários destes militantes, regados a muita música e materiais diversos para debate.

São dessas conversas e debates com pessoas de diferentes formações, de diferentes lugares, que surge a ideia de criação do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Batizado em novembro de 1986, o NEN vai atuar na perspectiva de colocar essas diferentes formações em prol da população negra. A partir da reflexão do papel do Estado e de seus agentes como reprodutores das desigualdades entre negros e brancos, via-se a necessidade de formulação de políticas públicas para superá-las. Para mim e os outros integrantes, era o novo que se anunciava, pois a maioria das organizações até então existentes não apresentavam um posicionamento crítico diante do poder público instituído.

Dentro da entidade, fui me aproximar da área da educação, a partir de um projeto que envolvia a formação de educadores, a produção de materiais didáticos e do debate do currículo escolar antirracista. A partir do financiamento da Fundação Ford, iniciado em 1994, constituíram-se dois programas: "Educação: Escola, espaço de luta contra o racismo", Justiça, Desigualdades Raciais e Relações de Trabalho e, posteriormente, o programa de Mulheres Negras. Tendo eu assumido a coordenação do programa de educação em diferentes momentos.

Diante desse desafio, na perspectiva de melhor atuar na educação, formado pela ação pedagógica e política do NEN e no papel de articulador de ações junto aos poderes públicos constituídos, surge a necessidade de aprofundar

e qualificar essa intervenção junto aos sistemas de ensino. Com o desejo de aprofundar o meu conhecimento do campo educacional e melhor problematizar prática dentro do NEN, vou ingressar no mestrado em Educação na UFSC, na linha de pesquisa Movimentos Sociais, em 2002.

O foco de meus estudos se voltou para a história da educação, procurando trazer à tona os processos de construção das pedagogias formuladas pelo Movimento Negro no Brasil, em especial a trajetória da pedagogia Interétnica em Salvador, na década de 1970 (LIMA, 2017), dando visibilidade ao exercício propositivo deste movimento.

Esta pesquisa será apresentada para a seleção do terceiro concurso de dotação Negro e Educação, realizado de 2003 a 2005, pela Ação Educativa e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), com apoio da Fundação Ford; processo muito significativo para ampliar e potencializar a pesquisa iniciada no mestrado e que subsidiará a minha ação docente, como veremos mais adiante.

Outro momento importante dessa trajetória, se deu no final da década de 1990, marcando de maneira significativa meu processo de aproximação efetiva com as religiões de matrizes africanas. Este processo de integração à vida religiosa foi influenciado por uma articulação política de vivenciadores/as da religião, a partir da introdução do Centro Nacional da Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (Cenarab)[3], em Florianópolis, em 1994.

O encontro marcou um importante momento de visibilidade das religiões no cenário de Florianópolis, dando destaque ao papel desempenhado por vários pais e mães de santos que atuam nessa capital. Entre eles, o Tata de Inquice[4] Arolegy, conhecido também como Pai Leco, da Comunidade Terreiro Abassá de Odé, de nação angola[5]. Conheci o Tata no decorrer da realização desse seminário e posteriormente tive a oportunidade de frequentar seu terreiro. Primeiro para jogar

[3] Organização fundada em1992, na cidade de São Paulo com integrantes das religiões de matrizes africanas. Em Florianópolis, chega em 1994, através da figura de Jayro Pereira, seu secretário executivo.

[4] Título honorífico concedido aos sacerdotes masculinos das religiões de matriz africana identificados como de nação angola.

[5] Nação angola diz respeito a uma denominação genérica de tradições oriundas de povos africanos conhecidos como bantus que engloba inúmeros idiomas na África Central, Centro-Oriental, Austral e parte da África Oriental (Lopes, 2020. p. 45).

os búzios, e depois para acompanhar os vários rituais de celebração aos *inquices*[6]. Assim, em janeiro de 1999 realizo o processo de iniciação na comunidade-terreiro, tornando-me parte integrante da hierarquia da casa, na função de pai-pequeno. Com falecimento de meu tata, me integro à casa do pai Odé Omi, também em Florianópolis.

No decorrer do século XXI, minha atuação social, política, religiosa e acadêmica contribui na reflexão do papel do Movimento Negro na produção de pedagogias, e meu interesse em aprofundar estas trajetórias, desta forma ingresso no doutorado em 2005, na Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, sob a orientação do prof. Dr. Henrique Cunha Junior. como subsídio dentro do NEN na produção de sua prática vinculada ao desenvolvimento da, tendo como inspiração a tornando-se assim fonte de pesquisa.

Com isso, na tese, construo uma sistematização pedagógica da Pedagogia Multirracial (LIMA, 2021) produzida nos anos de 1980 no Rio de Janeiro e da Pedagogia Multirracial e Popular em Santa Catarina (LIMA, 2009), indicando caminhos de como tais proposições podem dar respostas para os desafios colocados hoje pelas políticas educacionais, que tratam de temas como a educação das relações étnico-raciais nos sistemas de ensino.

Defendida a tese em 2009, sigo minha trajetória acadêmica em diferentes espaços, o mais evidente sendo a seleção para professor adjunto na Universidade Federal do Pará (UFPA), no *campus* de Marabá para atuar no curso de Pedagogia, em 2011. Esse *campus* torna-se em 2013 a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

Nesse âmbito, contribuiu-se na constituição do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação (N'umbuntu), no exercício de evidenciar a população negra na região amazônica. Bem como, na proposição de conteúdos curriculares dentro do curso para a formação inicial sobre as relações raciais e a educação no Brasil. Como parte das ações foi lançado em 2014 a N'umbuntu em revista, periódico que se direciona à

[6] Denominação das divindades do panteão de origem do candomblé de angola.

publicação de estudos, pesquisas e relatos sobre a educação e as relações étnico-raciais dentro e fora dos espaços formais.

Em 2015, com o interesse em consolidar cada vez mais essa trajetória, fui aprovado no processo seletivo do curso de Pedagogia na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Brasileira (Unilab), no Ceará, o que tem significado uma contribuição na discussão e elaboração de paradigmas que reforçam esta trajetória política, social e cultural como ativista e pesquisador das relações raciais no Brasil.

O Concurso Negro e Educação: implicações na prática do ensino superior

Como observado anteriormente, na trajetória acadêmica do autor, se teve a oportunidade de participar de uma das primeiras ações, considerada como uma ação afirmativa voltada para a pesquisa. Refiro-me ao Concurso de Dotações para a pesquisa Negro e Educação, mais conhecido por "**Concurso Negro e Educação**", que se estabeleceu como um certame nacional, voltado para apoio técnico, científico e financeiro no campo da pesquisa das relações étnico-raciais, iniciado em 1999 com sua conclusão em 2005, tendo sido realizada quatro edições.

O concurso apoiava além de estudos e pesquisas, núcleos de estudos afro-brasileiros no país, contribuindo para reflexões teóricas e metodológicas no campo da educação brasileira, como escrevem Oliveira, Silva e Pinto (2005, p. 5):

> [...] como ação afirmativa também ganha importância ao sensibilizar os educadores para questões educativas, que envolvem ou resultam das relações entre brasileiros negros e não-negros. Vale destacar o número crescente de pesquisadores que, como orientadores de bolsistas, passam a se debruçar sobre o tema e a incluir em suas próprias pesquisas o recorte racial.

O concurso Negro e Educação tinha como instituições parceiras para sua execução a organização não-governamental Ação Educativa, cujo foco se direciona a ações, pesquisa e assessoria na área da educação; e pela ANPED, associação nacional que objetiva fortalecer os estudos e a pesquisa na área da educação, através de seus grupos de trabalho, entre eles o GT 21 Educação e Relações Étnico-raciais. Os certames contaram com o financeiro da Fundação

Ford, onde os resultados de cada concurso foram apresentados através de quatro publicações com diferentes parceiros institucionais.

Minha participação se deu no terceiro concurso, entre 2003 e 2005, com a orientação da profa. Dra. Vânia Beatriz Monteiro da Silva, do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Cataria, período em que eu finalizava meu mestrado nesta universidade federal, que fora defendido em 2004.

Dentro do Concurso Negro e Educação retomo os debates sobre as pedagogias desenvolvidas pelo Movimento Negro no Brasil, dando ênfase a pedagogia interétnica, proposta e experimentada pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB), no final da década de 1970, na cidade Salvador, tendo como figura emblemática do sociólogo Manoel de Almeida Cruz (1950-2004) que contribui em dar publicidade da proposta.

A pedagogia interétnica é uma proposição teórica e prática voltada ao combate ao racismo na educação brasileira, a partir de cinco aspectos estruturais: psicológico, histórico, sociológico, axiológico e antropo biológico, que estão mais bem explicitados no livro publicado em 2017 (LIMA, 2017), e que se tornará referência para minha prática docente na Unilab na proposição de uma componente curricular com foco no exercício propositivo do Movimento Negro.

Ressalta-se que, a partir do concurso Negro e Educação, tive maior inserção no campo da pesquisa em educação, já que possibilitou que os estudos pudessem ser apresentados nas reuniões anuais da ANPED, que reúnem os maiores expoentes da educação brasileira. Por outro lado, reforçando pesquisas que se articulam com os movimentos sociais, contribuindo de forma consistente em se demonstrar o papel relevante do Movimento Negro. Esse debate, reforça o enfoque que, para além da denúncia contra o racismo, esse movimento produziu proposições a serem utilizadas como instrumentos de práticas educativas dentro e fora do sistema de ensino, problematizando as relações raciais brasileiras, que pode ser divulgada amplamente nos espaços de pesquisa e militância negra, oportunizado pelo concurso.

É relevante considerar que a participação no concurso trouxe junto com a trajetória acadêmica informações produzidas pelo movimento social, que deveriam estar presente na formação de educadores/as por todo o país, já que as

pesquisas realizadas trazem caminhos e desafios para a valorização da história e identidade da população negra, conforma apregoa a legislação nacional. Como observam Rodrigues, Passos e Francchini (2021, p. 1), no concurso:

> Ao problematizar a produção do conhecimento considerado universal, os(as) intelectuais sustentam-se em pesquisas articuladas com diferentes movimentos sociais, questionando e rompendo as amarras da produção científica eurocêntrica. Essa perspectiva chama a atenção das Ciências Humanas e Sociais no sentido de incorporar em suas análises outras dimensões que integrem o contexto social brasileiro, reconhecendo desigualdades raciais e de gênero.

Da mesma forma, este primeiro mergulho conduzido pela pesquisa no mestrado e no concurso, reforça a importância em situar o Movimento Negro como educador, conforme a afirmação de Gomes (2017). Esta constatação, me orienta a novos conhecimentos e aprofundamentos realizando pesquisas levando em consideração outras proposições, como a Pedagogias Multirracial apresentada por Maria José Lopes da Silva (1945-2013), nos anos de 1980 no Rio de Janeiro, como um projeto político que problematiza as relações raciais e as possibilidades de intervenção nos espaços educativos contra o racismo e as formas de desqualificação da população negra, ainda presente nos conteúdos escolares dos sistemas de ensino no Brasil.

Assim como, os desdobramentos e acréscimos realizados pelo NEN em Florianópolis, a partir do advento da Pedagogia Multirracial e Popular que defende que uma pedagogia deve estar assentada na luta contra o racismo como princípio fundamental de um projeto político que se pretende emancipador (LIMA, 2009).

A experiência do concurso somada a ação acadêmica e militante reforçam dentro da prática docente no ensino superior a inserção destes conhecimentos para a formação inicial e continuada, como é o caso de minha atuação na Unilab. Pois, se faz necessário questionar o desconhecimento da educação sobre a contribuição pedagógica, ao longo da história do Movimento Negro, estimulando-se a necessidade de contribuir para pensar os currículos universitários voltados para o tema Negro e Educação. Seja em face, da legislação nacional, como a lei 10639/03, que institui história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos públicos e privados, e demais documentos como as diretrizes (BRASIL, 2004), quanto pela necessidade em apontar como o racismo atravessa o ensino-aprendizagem,

e o reconhecimento de um currículo que problematizem os conhecimentos ocidentais constituídos como universais.

Desta forma, preocupado com esta realidade, a formação de educadores/as, no curso de Pedagogia dentro da Unilab busca articular os conteúdos exigidos com as temáticas relacionadas a história e a cultura africana e afro-brasileira, trazendo novas abordagens, temas e pesquisas, inclusive aqueles oriundos dos estudos realizados no concurso Negro e Educação.

A Unilab e o curso de Pedagogia afrocentrado

A Unilab é uma instituição de ensino superior federal, constituída em 20 de julho de 2010, sediada no Ceará. Possui *campus* também na Bahia, inaugurado em 2013, na cidade de São Francisco do Conde, denominado Malês. A cidade de Redenção foi indicada para sediar a Unilab por representar, conforme apregoado, um marco estadual na abolição da escravatura anos antes da abolição nacional.

A universidade aponta em seu projeto acadêmico se constituir como um grande significado, por conta de ser a materialização da reparação de parte da dívida histórica para a população negra. Como também, a possibilidade de estreitar a produção de conhecimento com o continente africano e o Timor Leste, países vinculados a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, num patamar em ampliar uma crítica aos mecanismos de colonização e de superação do racismo institucional e estrutural em nossa sociedade.

Assim, a oportunidade de fazer parte do quadro de docente da universidade permite consolidar, dentre as muitas atribuições políticas e educacionais da UNILAB, ser um instrumento epistemológico na construção de uma sociedade não racista e plural. Isso passa pelo debate dentro dos cursos de graduação desses parâmetros, no sentido de formar profissionais pautados pelo compromisso de respeitar, valorizar e disseminar os valores e princípios de base africanas e da população negra no Brasil.

De certa forma, a Unilab toma para si uma responsabilidade no campo da educação ao dar forma e sentido no âmbito normativo das modificações da Lei e Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), quando institui a história e a cultura africana e afro-brasileira nos sistemas de ensino público e privado. Assim como, é

importante destacar algumas das orientações das Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2004), que indicam a necessidade de articulação entre os sistemas de ensino, estabelecimentos de ensino superior, centros de pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais, visando à formação de professores para a diversidade étnico-racial.

Portanto, tendo plena ciência da vocação desta universidade com a propositura de alternativas anticolonizadoras e antirracistas para o campo da educação, em destaque a formação de professores/as, é que se acredita que diferentes conhecimentos sejam capazes de auxiliar no modo de capacitar para identificar, enfrentar e combater o racismo na Educação Básica, tornando-a como uma referência na criação de plataformas de estudos avançados para esse fim.

Nessa direção, atuar, mais especificamente, no curso de Pedagogia tem significado a materialização dessa trajetória, na medida em que a proposição curricular se orienta para a institucionalização de uma legislação antirracista e estrutural da sociedade brasileira.

O campo de disputa assumido pelo curso de Pedagogia passa por atuar numa dimensão epistemológica da afrocentricidade, entendida aqui como um processo de compreensão do contexto histórico e cultural advindos do continente africano e da população negra brasileira. Nesse sentido, se inscreve como uma proposta teórica e política, conforme apregoa um de seus idealizadores Molefe Asante (2009, p. 93), onde afrocentricidade se orienta como uma proposta epistemológica de lugar:

> Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país se já feita com base em sua localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que *a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos* (Grifos do autor).

Essa compreensão que impulsiona a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Pedagogia, se alimenta de práticas acadêmicas desenvolvidas no processo de ensino e de aprendizagem, de forma a constituir um arcabouço

que articula o estudo, a pesquisa, a extensão crítica aos padrões considerados universais pelo Ocidente, ao mesmo tempo em que coloca em evidência conhecimentos de diferentes povos, em especial a dimensão filosófica, cultural e histórica africana e da população negra.

Assim, para se fazer frente a estes desafios de articular os conhecimentos necessários para a prática profissional exigidas pela sociedade abrangente com os conteúdos sobre história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, o curso de pedagogia incorpora temas ancestrais, com novas metodologias e bibliografias. Essas ferramentas acadêmicas buscam ampliar a formação inicial, trazendo à tona as relações raciais brasileiras para o campo acadêmico, como é o caso da história da educação da população negra onde se evidencia as pedagogias oriundas do Movimento Negro.

A componente curricular "História da educação do negro/a: as pedagogias propostas pelo Movimento Negro no Brasil"

Desta forma, alicerçado na trajetória descrita ao longo do texto, é que dentro do exercício da docência universitária, alinhada ao compromisso de efetivar a dimensão de superar a perspectiva eurocêntrica, e pensando o exercício de descolonização curricular (ANTONIO, 2015), é que foi proposta para o segundo semestre de 2022, uma componente curricular, que se articula com os estudos trabalhados no concurso Negro e Educação e na formação acadêmica e social do autor.

A componente pretendeu ampliar a formação inicial dos pedagogos/as, calcada na trajetória histórica do Movimento Negro brasileiro, através de suas proposições pedagógicas para a educação brasileira, que foi intitulada como "História da educação do negro/a: as propostas pedagógicas do Movimento Negro no Brasil", com carga horária de 60 horas-aula, ofertada ao curso de Pedagogia, Bacharelado em Humanidade e demais interessados da Unilab no Ceará.

Como foi referido anteriormente, o curso de pedagogia se coloca no exercício de refletir sobre pensamentos e saberes, com base na superação e no rompimento de práticas racistas nos conteúdos curriculares, tendo como defesa a

descolonização do currículo. A componente curricular pretende caminhar por esta abordagem, sobre isso, Lima e Oliveira (2020, p. 215) escrevem:

> À vista disso, compreendemos a magnitude epistemológica de inserir assuntos como as relações étnico-raciais para efetuar a descolonização curricular, considerando que: [...] a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente.

Assim, os temas propostos na componente trouxeram uma síntese de estudos e pesquisas, que evidenciam os caminhos e desafios enfrentados pela população negra para a valorização de sua história e identidade como patrimônio de todos/as os brasileiros/as. Desta forma, demonstrando que as organizações negras fazem da luta antirracista um exercício permanente dentro da sociedade, fazendo do campo educativo um espaço de luta contra o racismo.

Este debate é importante no sentido de ampliar os conhecimentos, que deveriam estar presente na formação histórica sobre a população negra e a educação. Sobre isso, questiona-se a história da educação que tem sido ensinada, onde na maioria dos cursos de formação inicial e continuada desconhecem que organizações negras foram produtoras de ideias pedagógicas para o enfrentamento do racismo, dentro da educação brasileira.

Reforça-se que os conteúdos tratados nos cursos pedagógicos se baseiam, na maioria das instituições de ensino, em uma base ocidental e distantes da realidade brasileira, quando muito trazendo as experiências da população negra no limite da reflexão sobre a educação popular, mas, sem de fato, compreender que as organizações negras trazem proposições para uma educação democrática e contextualizada.

Nesse sentido, na componente proposta, busca-se fazer o registro da ação política e educacional do Movimento Negro como base para a constituição de pedagogias que, em última instância, colocam-se como alternativas em alterar as desigualdades raciais existentes no campo educacional brasileiro.

Assim, amplia-se os conhecimentos sobre intelectuais negros e negras em suas formulações, de modo a compreendê-los/as como aquele/a "[...] que agencia uma luta coletiva pelo poder, é figura importante nos processos de letramentos da cultura negra, no intuito de somar esforços para a construção de uma insurgência coletiva" (RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018, p. 336).

Desta forma, os conteúdos a serem trabalhados perpassaram pelos seguintes elementos, ao serem aprofundados nas leituras e debates: Relações raciais, educação e a Lei 10639/03 no Brasil: teoria, prática e pesquisas. Trajetos históricos da educação para a população negra no Brasil. As experiências educativas e ancestrais por organizações negras e a educação como estratégica para a cidadania. O Movimento Negro educador e as pedagogias para a superação do racismo. Pedagogia interétnica, pedagogia multirracial, pedagogia multirracial e popular. Formação de educadores na discussão desse movimento social e suas demandas para a educação brasileira.

Com isso, o exercício é refletir sobre a organização do Movimento Negro como um dos movimentos sociais do Brasil, no sentido de ser expressão do poder da sociedade civil, que em suas diversas formas de ação e resistência individuais ou coletivas buscam discutir uma identidade africana e afro-brasileira para potencializar demandas de transformação social e política em nossa sociedade.

Assim, o que demarcará as bases teóricas e sociais dos estudos será o reforço das ações dos movimentos sociais, que pressionam por mudanças e políticas, conforme discute Gomes (2017, p. 107), onde:

> [...] as mudanças normativas são o resultado das lutas sociais, por outro, essas lutas não se esgotam nessas mudanças, pelo contrário, ganham maior visibilidade no que se refere às várias interpretações do processo de mudanças sociais, políticas e cultural que está em curso[...] podemos dizer que a compreensão das distintas formas mediante as quais a questão racial no Brasil vem sendo interpretada constitui-se em um dos elementos centrais para o entendimento dos desafios presentes no processo social e educacional do país.

A referida autora compreende que o Movimento Negro tem a possibilidade de problematizar a teoria educacional, repensando seus conteúdos, a partir de seus próprios saberes, declarando ser o Movimento negro educador.

Nesta direção, o foco dos estudos se dá na contextualização da população negra dentro da história da educação do Brasil, percorrendo-se da colonização com estudos como de Gonçalves (2000) e Romão (2005), aos desafios e lutas sociais na contemporaneidade.

Neste sentido, chegando-se aos debates propostos pelas organizações do Movimento Negro que entendem a educação como ferramenta fundamental de emancipação da população negra. Como é o caso da Pedagogia Interétnica (PI), nos anos de 1970, desenvolvida pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB), em Salvador.

Assim, os debates na componente pretendem ampliar o conhecimento sobre a PI e como foi estruturada, demonstrando que tal proposição leva em consideração tanto o negro/a quanto o povo indígena, o interesse será apontar as questões formuladas tendo como sujeito a população negra, como situa seu objetivo:

> A pedagogia interétnica tem como objetivo fundamental o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo transmitidos pelo processo de socialização ou educacional (família, comunicação, escola, sociedade global e meios de comunicação social), além de indicar medidas educativas para combater os referidos fenômenos (CRUZ, 1989, p. 51).

Da mesma forma, avançar para o conhecimento da proposição pedagógica, desenvolvida em 1986, denominada de Pedagogia Multirracial (PM) por Maria José Lopes da Silva no Rio de Janeiro, que utiliza como referência a PI, mas, ampliando sua proposição a partir da articulação entre política, ação educativa e prática profissional. Desta forma, argumenta que para a Pedagogia Multirracial a:

> [...] escola deve ser considerada não apenas o espaço para a apropriação do saber sistematizado – como entendem algumas concepções pedagógicas – mas também o espaço de reapropriação da cultura produzida pelos grupos sociais e étnicos excluídos [...] a escola deve deixar de ser o espaço e negação dos saberes para enfatizar a afirmação da diferença, num processo em que os indivíduos e grupos sejam aceitos e valorizados pelas suas singularidades, ao invés de buscar a igualdade pela tentativa de anulação e inferiorização das diferenças (SILVA, 2002, p. 25).

Conhecida a PM avança-se para a compreensão de uma outra concepção pedagógica, a proposta desenvolvida em Santa Catarina, a partir dos anos 2000, pelo Programa de Educação do Núcleo de Estudos Negros (NEN), intitulada Pedagogia Multirracial e Popular (PMeP). O NEN é uma organização do Movimento Negro em Santa Catarina, fundada em 1986, na cidade de Florianópolis, por um conjunto de pessoas interessadas em pensar políticas públicas voltadas para a população negra.

A pedagogia proposta, além de se basear nas concepções apresentadas pela proposta do Rio de Janeiro, buscou incluir as práticas educativas que se desenvolvem em outros tempos e espaços, para além da escola – como, por exemplo, os movimentos sociais. A ênfase dessa proposta "[...] está em desencadear a construção de proposta pedagógica que tenha a igualdade racial como princípio curricular, o que significa considerar o currículo escolar como instrumento capaz de contribuir com a erradicação de todas as práticas sociais racistas" (PASSOS, 2002, p. 41).

Circunscritas essas proposições, dentro dos estudos propostos, focaliza-se o Movimento Negro contemporâneo e suas lutas sociais para alcançar as políticas educacionais necessárias para superar o racismo nos sistemas de ensino.

Com isso, o desafio dessa componente curricular é possibilitar que os futuros pedagogos e pedagogas da Unilab possam compreender que o movimento social em suas trajetórias produz conhecimentos. De tal forma, que essa percepção possa ser articulada na prática educativa, dentro dos sistemas de ensino, questionando-se o silêncio que recaem sobre sua ação política e educacional.

Espera-se que, no decorrer dos diálogos e leituras empreendidas, a componente cumpra os objetivos traçados, em especial em problematizar o desconhecimento da história da educação sobre a produção, sistematização e articulação de saberes oriundos do Movimento Negro. Assim como refletir "[...] como uma ação política alicerçadas em uma prática político-epistemológica que possibilite a capacidade de comunicação e cumplicidade de modo sustentado entre os movimentos sociais" (GOMES, 2017, p. 140), como também, para a sociedade na valorização destes conhecimentos.

Penso, estar diante de uma oportunidade de construir uma compreensão de um processo histórico rico e relevante para aqueles/as estudantes, que atuarão na educação básica no Brasil e nos países da integração internacional.

Considerações finais

Ao explicitar o trajeto de ações educativas, políticas e acadêmicas atravessadas por uma experiência potencializada pela participação no Movimento Negro e, num momento específico, de visibilidade como o concurso Negro e Educação, espero ser possível perceber que este processo traz a necessidade de qualificar a formação inicial nos espaços onde se está inserido.

Desta forma, apresentar os conteúdos a serem trabalhados na Unilab, sob a ótica do Movimento Negro, considero ser um exercício de requalificar o currículo de uma universidade que pretende tornar evidente a contribuição epistemológica elaborada pelo Movimento Negro no Brasil.

Reforça-se que ao analisar historicamente as bases de constituição da formação docente, desafia-se para se executar práticas educativas e investigações que reflitam conhecimentos e valores próprios das experiências históricas e contemporâneas dos africanos/as e seus descendentes, para que a educação, de fato, se comprometa com o fortalecimento do debate antirracista na sociedade brasileira.

Assim, a constituição de diferentes ações, em diferentes espaços indica ampliar o debate, por exemplo, das ações afirmativas, atingindo de maneira significativa o campo epistemológico do currículo e da formação docente.

Nesse campo, o exemplo do concurso Negro e Educação em sua promoção de estudos e pesquisas, teve como contribuição em dar alicerce no questionamento de nossa educação pública, potencializando o conhecimento sistematizado, entre outras questões, do Movimento Negro como produtor de uma perspectiva emancipatória a partir da educação.

Referências

ANTONIO, Fausto C. Descolonização do currículo escolar. In: SILVA, Geranilde C.; LIMA, Ivan C.; MEYJER, Rebeca de A. S. **Abordagens Políticas, Históricas e Pedagógicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar**. Fortaleza: UNILAB, 2015.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, 4), p. 93-110.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

CRUZ, Manoel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo**: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo. Uma proposta de intervenção científica para eliminá-los. Salvador: do Autor, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta; FARIAS FILHO, Luciano; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. 2. Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 325-346.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LIMA, Antonio Jhonata de Oliveira; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. As relações étnico-raciais como elemento para a descolonização do currículo. In: LIMA, Ivan Costa; VILLACORTA, Gisela Macambira. **Rede de colaboração educacional:** a Unilab em destaque numa dimensão afrocentrada. Curitiba: Imprece, 2020, p. 204-225.

LIMA, Ivan Costa. **História da Educação do/a negro/a no Brasil II**: Pedagogia Multirracial, o pensamento de Maria José Lopes da Silva (RJ). Curitiba: Appris, 2021.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro/a no Brasil:** pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo. Curitiba: Appris, 2017.

LIMA, Ivan Costa. **As pedagogias do movimento negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000)**: implicações teóricas e políticas para a educação brasileira. 2009. 319f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza/CE, 2009.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 4 ed. rev. e atual. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Iolanda de.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim. **Negro e Educação***:* escola, identidades, cultura e políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, ANPEd, 2005.

PASSOS, Joana Célia dos. **Discutindo as relações raciais na estrutura escolar e construindo uma pedagogia multirracial e popular**. **NEN**. Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular. Florianópolis, n. 8, 2002, p. 19-44, (Série Pensamento Negro em Educação).

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; PASSOS, Joana Célia dos; FRANCCHINI, Flávia. **Concurso Negro e Educação: ação afirmativa de formação de pesquisadores/as no Brasil.** Seção Especial. *Educação e Sociedade*, v. 42, p. 1-16, 2021. https://doi.org/10.1590/ES.254945

ROMÃO, Jeruse. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin; FONSECA, Silvana Carvalho da; SILVA, Jorge Augusto de Jesus. **O intelectual negro: agente de letramento**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [*S. L.*], v. 10, p. 340-362, jan. 2018. http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/543

SCHUTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 210-222.

SILVA, Maria José Lopes da. **Pedagogia Multirracial**. In: *NEN*. As ideias racistas, os negros e a educação. 2. Ed. N. 1, Florianópolis: Atilénde, 2002, p. 53-68. (Série Pensamento Negro em Educação).